

ARTIGO

ANÁLISE ESTRUTURAL D'O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS

STRUCTURAL ANALYSIS OF THE THE TALE OF THE THREE BROTHERS

ANÁLISIS ESTRUCTURAL DE EL CUENTO DE LOS TRES HERMANOS

Thais Nascimento¹

RESUMO:

J.K. Rowling criou um universo fictício no qual a magia é real e, dentro desse universo, criou o Conto dos Três Irmãos, que narra a origem das relíquias da morte. Neste trabalho, o conto supracitado é interpretado a partir da metodologia desenvolvida pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss para análise estrutural de mitos. Em texto homônimo intitulado “A Estrutura do Mito”, o antropólogo inglês Edmund Leach repensa as categorias e conceitos do texto original. Este exercício analítico mostra que o método da antropologia permite pensar mesmo um mito que faz parte da ficção literária, pois ao antropólogo não cabe julgar a veracidade das crenças nativas, mas encarar e analisar as narrativas dentro do contexto cultural que lhe é apresentado.

PALAVRAS-CHAVE: análise estrutural; narrativas de origem; mito; Harry Potter.

ABSTRACT:

J.K. Rowling created a fictional universe in which magic is real, and within that universe, she created the Tale of the Three Brothers, which narrates the origin of the deathly hallows. In this work, the aforementioned tale is interpreted based on the methodology developed by the anthropologist Claude Lévi-Strauss for the structural analysis of myths. In a homonymous text entitled “The Structure of Myth”, the English anthropologist Edmund Leach rethinks the categories and concepts of the original text. This analytical exercise allows the method of anthropology to think about that myth which is part of literary fiction, since the anthropologist cannot judge the veracity of

¹ Mestre em Sociologia e Antropologia pelo PPGSA-IFCS-UFRJ, Bacharel em Ciências Sociais pela UENF e Professora do Centro Universitário Fluminense UNIFLU. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8930039960051607> e-mail: nascimentoth@gmail.com

native beliefs, but rather face and analyze them as narratives within the cultural context that is presented to him/her.

KEYWORDS: structural analysis; origin narratives; myth; Harry Potter.

RESUMEN:

J.K. Rowling creó un universo ficticio en el que la magia es real y, dentro de ese universo, creó la Historia de los tres hermanos, que relata el origen de las reliquias de la muerte. En este trabajo se interpreta el mencionado cuento a partir de la metodología desarrollada por el antropólogo Claude Lévi-Strauss para el análisis estructural de los mitos. En un texto homónimo titulado “La estructura del mito”, el antropólogo inglés Edmund Leach replantea las categorías y conceptos del texto original. Este ejercicio analítico le permite al método de la antropología pensar que el mito es parte de la ficción literaria, ya que el antropólogo no puede juzgar la veracidad de las creencias nativas, sino mirarlas y analizarlas como narrativas dentro del contexto cultural que se le presenta.

PALABRAS CLAVE: análisis estructural; narrativas de origen; mito; Harry Potter.

1. INTRODUÇÃO

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss foi o expoente mais notório do campo de estudos denominado antropologia estrutural. A ideia de Lévi-Strauss sobre os pensamentos e narrativas míticas é de que o mito não existe isoladamente, mas relacionado a outros mitos. A fim de demonstrar que a antropologia é aplicável a todo tipo de sociedade, inclusive as ficcionais, decidi fazer uma leitura de O Conto dos Três Irmãos à luz do método estrutural para análise de mitos elaborado por Lévi-Strauss e repensado por Edmund Leach. Tomo por base, em especial, os textos homônimos dos dois antropólogos “A Estrutura do Mito” para pensar o mito de origem das relíquias da morte na sociedade bruxa da ficção literária.

O conto a ser analisado é de autoria da escritora britânica Joanne Kathleen Rowling, mais conhecida por J. K. Rowling. Em seu universo fictício, a bruxaria é um elemento real e controlável pelos que possuem o dom da magia. Assim, os que se revelam como bruxos frequentam escolas especiais que os ensinam a lidar com a bruxaria que é, neste contexto, intrínseca à sociedade mágica, algo pertencente à cultura em oposição à natureza, esta indomável e, por vezes, imprevisível.

Ora, os modelos comparativos são construídos pelo caminho do etnólogo. Mauro de Almeida (1999) mostra que no caso dos mitos, o observador é levado a se situar no interior de uma mitologia particular, atribuindo-lhe sentido, visto que o observador-etnógrafo, antes de qualquer coisa, procura identificar as coordenadas locais e se situar a partir delas. Lévi-Strauss (2012) defende, afinal, que quaisquer que sejam os fatos narrados nos diferentes mitos em diferentes sociedades, existe uma regularidade gerada pela relação de oposições que o método prevê. Assim é que convido o leitor ou leitora a percorrer comigo e com os autores com quem dialogo a estrada da análise estrutural lévi-straussiana do conto dos três irmãos, compreendendo o referido conto dentro do universo fictício para o qual foi criado.

2. O CONTO DOS TRÊS IRMÃOS

Presente no livro “Os Contos de Beedle, o Bardo”, escrito por J. K. Rowling para seu universo mágico, O Conto dos Três Irmãos é apresentado como uma narrativa mítica dentro da própria ficção. É sobre ele que será realizada a análise estrutural, tal como elaborada por Lévi-Strauss. Apresento-o, aqui, para que o leitor que, porventura, não o conheça, possa acompanhar a análise com mais facilidade.

O Conto dos Três Irmãos

Era uma vez três irmãos que viajavam por uma estrada deserta e tortuosa ao anoitecer. Depois de algum tempo, os irmãos chegaram a um rio fundo demais para vadear e perigoso demais para atravessar a nado. Os irmãos, porém, eram versados em magia, então simplesmente agitaram as mãos e fizeram aparecer uma ponte sobre as águas traiçoeiras. Já estavam na metade da travessia quando viram o caminho bloqueado por um vulto encapuzado. A Morte falou. Estava zangada por terem lhe roubado três vítimas, porque o normal era que os viajantes se afogassem no rio. Mas a Morte foi astuta. Fingiu cumprimentar os três irmãos por sua magia e disse que cada um ganhara um prêmio por ter sido inteligente o bastante para lhe escapar.

O irmão mais velho, homem combativo, pediu a varinha mais poderosa que existisse: uma varinha que sempre vencesse os duelos para seu dono, uma varinha digna de um bruxo que derrotara a Morte! Ela atravessou a ponte, dirigiu-se a um vetusto sabugueiro na margem do rio e fabricou uma varinha a partir de um galho da árvore, entregando-a ao irmão mais velho. O segundo irmão, que era um homem

arrogante, resolveu humilhar ainda mais a Morte e pediu o poder de restituir a vida aos que ela levava. Então, a Morte apanhou uma pedra da margem do rio e entregou-a ao segundo irmão, dizendo-lhe que a pedra tinha o poder de ressuscitar os mortos. Perguntou-se ao terceiro e mais moço dos irmãos o que queria. Ele era o mais humilde e também o mais sábio dos irmãos e não confiou na Morte. Pediu, então, algo que o permitisse sair daquele lugar sem ser seguido por ela. E a Morte, de má vontade, lhe entregou a própria Capa da Invisibilidade. Então, a Morte se afastou para um lado e deixou os três irmãos continuarem a viagem, que comentaram, assombrados, a aventura que haviam vivido e admirando os presentes recém obtidos.

No devido tempo, os irmãos se separaram, cada um tomou um destino diferente.

O primogênito viajou uma semana ou mais e, ao chegar a uma aldeia distante, procurou um colega bruxo com quem tivera uma briga. Armado com a varinha de sabugueiro, a Varinha das Varinhas, não poderia deixar de vencer o duelo que se seguiu. Deixando o inimigo morto no chão, o irmão mais velho dirigiu-se a uma estalagem, onde se gabou, em altas vozes, da poderosa varinha que arrebatara da própria Morte, e que a arma o tornava invencível. Na mesma noite, outro bruxo aproximou-se sorrateiramente do irmão mais velho enquanto dormia em sua cama, embriagado pelo vinho. O ladrão levou a varinha e, para se garantir, cortou a garganta do irmão mais velho. Assim, a Morte levou o primeiro irmão.

Entrementes, o segundo irmão viajou para a própria casa, onde vivia sozinho. Ali, tomou a pedra que tinha o poder de ressuscitar os mortos e girou-a três vezes na mão. Para sua surpresa e alegria, a figura de uma moça que tivera a esperança de desposar antes de sua morte precoce surgiu instantaneamente diante dele. Contudo, ela estava triste e fria, como que separada dele por um véu. Embora tivesse retornado ao mundo dos mortais, seu lugar não era mais ali e ela sofria. Diante disso, o segundo irmão, enlouquecido pelo desesperado desejo, matou-se para poder verdadeiramente se unir a ela. Assim, a Morte levou o segundo irmão.

Ainda que a Morte tivesse procurado pelo terceiro irmão durante muitos anos, jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando atingiu uma idade avançada foi que o irmão mais moço despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado. Iguais, partiram desta vida.

3. ANÁLISE ESTRUTURAL DO CONTO DOS TRÊS IRMÃOS

Lévi-Strauss (2012) nos ensina que os mitos se reproduzem em diversas regiões do mundo com as mesmas características, posto que o pensamento mítico tem características específicas. Uma primeira característica identificada pelo antropólogo foi a de que “o mito faz parte da língua, é pela palavra que o conhecemos, ele pertence ao discurso” (LÉVI-STRAUSS: 2012, p. 297). Clodoaldo Silva (2018, p. 72), por sua vez, explica que “o mito exprime a condição humana e as relações sociais no grupo que surge e se constitui em narrativas (linguagem), que se configuram em imagens simbólicas, calcadas em arquétipos universais que aparecem nas criações artísticas, dentre algumas, a literária.”

Todos os contos de Beedle são narrados de maneira semelhante aos clássicos contos de fadas de nossa sociedade, contudo traz uma diferença essencial: enquanto em nossos contos de fadas a magia é apresentada como origem dos problemas do herói ou heroína, nos contos bruxos os heróis ou heroínas são capazes de utilizar magia e ainda assim enfrentam dificuldades para resolver seus problemas.

Edmund Leach (1988) afirma que o mito é uma categoria mal definida, pois de um lado, possui uma acepção de história falaciosa e, de outro, a acepção teológica de ser uma formulação de um mistério religioso. Ele explica que, para a antropologia, o mito é uma narrativa sagrada. Neste sentido, “o mito é verdadeiro para os que crêem e um conto de fadas para os que não crêem. A distinção de que a história é verdadeira e o mito é falso é inteiramente arbitrária” (LEACH, 1988, p. 54)². Lévi-Strauss (2012) preconiza que o valor narrativo do mito permanece ainda que haja uma tradução malfeita dele. Isto porque, ainda que ignoremos seu contexto cultural e idioma de origem, um mito é sempre percebido como tal pelo leitor, pois o mito em si é uma linguagem.

Lévi-Strauss acusa a história de ser mito, mas no sentido de ideologia (BARREIRA: 2014). Enquanto Leach diz que seria imprudente traçar uma linha divisória entre o que é história e o que é mítico, Lévi-Strauss concentra sua atenção nas “sociedades sem história”, isto é, povos como os aborígenes australianos ou os índios brasileiros, para tentar descobrir “a natureza inconsciente dos fenômenos

² Grafia do verbo crer flexionado conforme o original.

coletivos”. Lévi-Strauss entende que “um mito é uma espécie de sonho coletivo e que deve ser suscetível de interpretação, de modo a revelar o seu sentido oculto” (LEACH, 1988, p. 56).

Em seu estudo comparativo intitulado *Mitológicas*, o antropólogo francês explica que o mito possui unidades elementares denominadas mitemas, o que permite decompor o mito em “pares de oposição binária” formados por eles. Cada um dos mitemas só possui significado quando circula numa relação de oposição. Os pares de oposição binária refletem questões primordiais que afetam as sociedades humanas, nas quais a cultura predomina sobre a natureza. Silva (2018, p. 73) diz que “é importante, ao analisar uma obra, que se identifiquem os mitemas, entendidos como unidades mínimas portadoras de significado no discurso mítico, podendo ser um tema, uma situação, um cenário ou um motivo”. Lévi-Strauss (2012) define os mitemas como unidades constitutivas que são próprias do mito e parte da linguagem, assim como os fonemas e os morfemas.

O Conto dos Três Irmãos se inicia com três irmãos bruxos que escapam da morte, sendo este o tema central do conto: os esforços humanos para escapar à morte. O tema da magia é recorrente em todos os contos bruxos e, no conto destacado para análise, o tema da morte (e da relação entre magia e morte) está no núcleo central da narrativa.

Lévi-Strauss (2012) nos ensina que devemos combinar as unidades constitutivas em feixes de relações, pois “é unicamente na forma de combinações desses feixes que as unidades constitutivas adquirem uma função significativa” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 301). A partir daí o antropólogo defende que o mito deve ser “manipulado como se fosse uma partitura musical” (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 303).

A magia no universo bruxo é natural, mas controlável e legislada pelo Ministério da Magia. É, portanto, pertencente à esfera cultural e social, por outro lado, a morte não pode ser evitada pelos seres humanos nem mesmo com o auxílio da magia. Assim, é nos apresentado como primeiro par de oposição o uso da magia como um mitema pertencente à cultura e a morte, enquanto ato de morrer, vista como elemento da natureza. Tais mitemas são verificáveis ao longo de todo o conto manifestando-se tanto de forma explícita quanto implícita.

Almeida (1999) chama atenção para o fato de a análise de mitos ser necessariamente local, posto que o antropólogo deve entender tendências que

operam localmente. Devemos considerar, portanto, que neste universo ambas, morte e magia, são parte da natureza, porém a magia é manipulável, ao contrário da morte. Desta forma, situei a magia na cultura porque ela é controlável e passível de ser ensinada em escolas de magia e bruxaria, através de encantamentos, movimentos e objetos específicos que ajudam o bruxo a manipulá-la. Existem leis que regula o uso da magia e existem magias que não devem ser usadas pois são consideradas criminosas.

O tema mítico central nesse conto é a impossibilidade de ludibriar a morte, mesmo para aqueles que dominam a magia. Os três irmãos, num primeiro momento, fogem à morte certa no rio construindo uma ponte com ajuda da magia. Os presentes que a Morte personificada³ dá a eles, na verdade, não são premiações pelo feito, mas formas de reparar o que a magia lhe tirou.

O primeiro irmão é descrito como combativo e, posteriormente, orgulhoso de seus feitos em duelos de varinhas. Ele tenta dominar a morte pedindo como presente “a varinha mais poderosa que existisse”⁴ e após matar um inimigo num duelo de varinhas, gaba-se de ser invencível com aquele artefato mágico que “arreatara da própria Morte”⁵. Teve sua varinha roubada e sua garganta cortada depois de dormir embriagado e assim temos o segundo par de oposição: orgulho/humildade. O tema central aparece aqui para mostrar que o desejo de controlar a morte está fadado ao fracasso, tendo sido a soberba do bruxo o defeito moral que levou o primeiro irmão para a morte.

O livro *Os Contos de Beedle, o Bardo* traz também, além dos contos em si, os comentários de Alvo Dumbledore sobre os contos. Alvo Dumbledore foi um bruxo poderoso no universo mágico de J. K. Rowling, e sendo os contos publicados como tendo a autoria de outro personagem chamado Beedle, a edição que chega aos leitores traz as explicações de Dumbledore para o leitor não bruxo. Em sua explicação sobre *O Conto dos Três Irmãos*, Dumbledore afirma que o primeiro irmão zombou da morte e envolveu-se em violência, destacando além da soberba, a avidez por poder contra “um inimigo que não se pode vencer”, ou seja, a Morte. Esse comentário reforça as oposições de soberba/humildade e magia/morte.

³ A partir daqui, ao falar do ato de deixar de viver escreverei morte com letras minúsculas. Ao me referir à personagem Morte que interage com os irmãos no conto, escreverei Morte como se fosse um nome próprio.

⁴ *Os Contos de Beedle, o Bardo*; 2008, p. 87. Iniro as referências aqui por não se tratar de uma literatura acadêmica.

⁵ *Os Contos de Beedle, o Bardo*; 2008, p. 89.

Dumbledore critica o fato de o segundo irmão se envolver com necromancia, que no universo fictício de J. K. Rowling se trata de magia negra que ressuscita os mortos, mal vista pelas leis da sociedade mágica e considerada um ramo da magia que nunca teve sucesso. Reforça-se, mais uma vez, a dicotomia magia/morte, enfatizando o caráter incontrollável da morte.

O segundo irmão é descrito como arrogante e pediu como presente uma pedra com o poder de trazer os mortos de volta à vida. Ele ressuscita sua amada que perecera antes que pudesse desposá-la, mas ela é descrita como triste, fria e não pertencente ao mundo dos vivos. Dumbledore em seus comentários explica que bruxos das trevas conseguiram reanimar cadáveres e criar os Inferi, mas estes não são seres humanos de fato ressuscitados. O conto narra que ao se dar conta de que sua amada não era a mesma, o segundo irmão se mata para poder se juntar verdadeiramente a ela, sendo vencido pela Morte. O terceiro par de oposições aparece como o desejo de controle e a aceitação daquilo que o destino nos reserva.

O terceiro irmão parece ter sido o que fora bem-sucedido em enganar a morte. Na verdade, como Dumbledore ressalta em seus comentários, o irmão mais jovem é também o mais sábio, pois sabe que não é possível enganar a morte, e ter de alguma forma feito isso uma vez não significa que isso seja realmente possível. Ele sabe que o melhor a ser feito é adiar o segundo e derradeiro encontro com a Morte o máximo que conseguir. Tendo pedido a ela algo que lhe permitisse ir embora sem ser seguido por ela, ele recebe a Capa de Invisibilidade da própria Morte, o que lhe permitiu viver até por uma idade avançada sem ser encontrado por ela. O terceiro irmão reforça os três pares de oposição apresentados pelos mitemas já apresentados no conto. Ele é humilde e não tem a soberba de achar que pode ser mais forte que a Morte. Ele aceita que a morte será seu destino e não tenta evita-la ou controla-la, apenas a posterga. Ele está ciente de que nenhuma magia existente é capaz de sobrepujar a morte. Para Lévi-Strauss (2012, p. 329), “a repetição possui uma função própria, que é a de tornar manifesta a estrutura do mito”. O tema se repete ao longo de todo o conto e é finalizado com a Morte acolhendo o irmão mais sábio como um igual.

4. O CONTO COMO MITO DE ORIGEM DAS RELÍQUIAS DA MORTE

O método de análise estrutural parte do princípio básico de que um mito não existe isoladamente, mas sempre em relação com outros mitos, de forma que sua interpretação só é possível ao analisar conjuntamente outros grupos de mitos que lhes são próximos. Lévi-Strauss (1987) argumenta que os mitos devem ser tomados como pertencentes a um certo universo, podendo ocorrer de um significado não ser identificado num mito específico, mas aparecer em outro daquele mesmo universo. Assim, O Conto dos Três Irmãos precisa ser analisado dentro do contexto do livro no qual foi publicado, uma coletânea de cinco contos intitulada Os Contos de Beedle, o Bardo, assim como do universo no qual está inserido.

Os outros contos do pequeno livro narrado por Beedle, o Bardo, reforçam as temáticas abordadas em O Conto dos Três Irmãos, alguns de forma explícita outros mais implicitamente. Em “O Bruxo e o Caldeirão Saltitante”, a magia ensina uma lição de humildade a um bruxo orgulhoso e esnobe. Em “A Fonte da Sorte” a aceitação das circunstâncias da vida dá ao herói e às três heroínas do conto seus finais felizes, ensinando às bruxas da história a superar seus problemas sem fazer uso de magia. “O Coração Peludo do Mago” traz um final trágico ao protagonista bruxo da história por tentar controlar todos os acontecimentos de sua vida com magia e ainda gabar-se do êxito nesse controle que, no final, mostra-se ilusório, reforçando as lições morais que também aparecem n’O Conto dos Três Irmãos. Por fim, em “Babbitty, a Coelha, e seu Toco Gargalhante” reforça a incapacidade de ressuscitar os mortos, embora este não seja seu ponto central. O que se percebe, todavia, é que os símbolos presentes nessas narrativas míticas são congruentes, tendo a magia como o fio condutor que une todos eles. Pode-se concluir que em Contos de Beedle, o Bardo, os contos – ou mitos – assim como constatado por Lévi-Strauss (2012, p. 318) entre os mitos dos Pueblo ocidentais, “a construção lógica da questão é a mesma: o ponto de partida e o ponto de chegada do raciocínio são inequívocos”. Silva (2018, p. 72) afirma que

Pensar sobre a antropologia do imaginário é compreender que, ao se falar em imagens, mitos, símbolos e mitemas, todos estão entrecruzados pelas relações que fazemos no dia a dia. Discutir o lugar do mito é não esquecer que este é um arranjo pautado pelos símbolos e arquétipos (que são

linguagem) dispostos a um discurso segmentado por mitemas. Os símbolos nunca são dados a priori, como os signos, pois apontam para uma recorrência, para uma redundância que marca um mesmo sentido.

Os mitemas sustentam a estrutura do pensamento mítico em geral e, ao serem apresentados na forma de oposições, ultrapassam fronteiras temporais e geográficas sugerindo um modo de operação universal da mente – no conto analisado identificamos as oposições magia/morte; soberba/humildade; controle/resignação. Isto significa afirmar que as oposições serão encontradas em quaisquer mitos, em quaisquer culturas, como confirma José Barreira (2014, p. 301): “Os conteúdos podem mudar, isto é, os fatos e episódios de um mito bororo não são os mesmos presentes num mito grego, mas a arquitetura e o sistema de oposições são universais. O modelo, com efeito, apresenta regularidades”.

Seguindo essa ideia, seria possível também encontrar tais oposições e regularidades neste conto que atua como mito de origem de objetos mágicos no universo fictício criado por J. K. Rowling. Isto porque Os Contos de Beedle, o Bardo nos apresenta as Relíquias da Morte através d'O Conto dos Três Irmãos. Aqui se faz importante entender onde Os Contos de Beedle, o Bardo se situa na literatura de J. K. Rowling para melhor compreensão de seu contexto da sociedade bruxa.

A autora publicou seu primeiro livro sobre o universo bruxo em 1997. Trata-se de Harry Potter e a Pedra Filosofal, o primeiro de uma série de sete livros que narra a vida e as aventuras de um menino que descobre aos 11 anos ser um bruxo. Assim, junto com o protagonista, o leitor vai descobrindo as regras e organização social da sociedade bruxa e dos usos de magia. Harry Potter vai estudar magia na Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e descobrimos junto com ele que existem livros que ensinam magia ou contam a história da magia e da sociedade bruxa em geral. Alguns livros citados pelos personagens da sequência literária que narra as aventuras de Harry Potter foram escritos e publicados na vida real, como “Animais Fantásticos e Onde Habitam”, “Quadribol Através dos Séculos” e “Contos de Beedle, o Bardo”, este último lançado em 2008 inicialmente numa edição limitada a sete exemplares escritos à mão e ilustrados pela autora. Os Contos de Beedle, o Bardo é citado pela primeira vez em Harry Potter e as Relíquias da Morte, o sétimo e último livro da série Harry Potter, publicado em 2007.

Depois dessa breve digressão, lembremos que para identificar os mitemas, é necessário realizar um levantamento dos elementos que se repetem de maneira obsessiva, observando o tema, o conteúdo, o cenário mítico e os lugares em que as personagens se combinam nas situações narrativas, identificando também as situações dramáticas. Essas repetições podem se dar no plano do que está patente (repetido de forma explícita que são verificáveis por conteúdos homólogos) e do latente (que se manifesta, de maneira implícita, pela intencionalidade, tanto nos substantivos, nos adjetivos ou nas implicações simbólicas). Ao buscar os mitemas, é essencial a apreensão do mito e de suas correlações com um espaço cultural determinado (diacronia). Desta forma, “o mito se define a partir da organização de símbolos e de uma quantidade de mitema, sendo ele um átomo mítico (DNA) de natureza estrutural”. (SILVA, 2018, p. 73).

Como mitemas patentes temos a magia, a morte e os objetos mágicos, tais como varinhas, capas, caldeirões e objetos encantados. A magia é manipulável e passível de controle, mas necessita de objetos que servem de veículos para canalizá-la. Na saga literária existem diversos exemplos de magias que resultam diferente do esperado caso os objetos não sejam usados de forma adequada: quando a varinha de Rony Weasley está quebrada, nenhum de seus feitiços sai como esperado; quando Hermione troca desavisadamente um ingrediente da poção polissuco, o efeito esperado não acontece. Os três objetos mencionados n'O Conto dos Três Irmãos são buscados por Harry e seus amigos, embora Beedle, o Bardo trate deles como um conto fictício. Harry possui, contudo, uma Capa da Invisibilidade que pertenceu a seu pai e, nos é revelado que pertenceu a um dos irmãos Peverell, ancestrais de Harry Potter que seriam os três irmãos sobre os quais o conto versa. Suspeita-se ainda que a Pedra da Ressurreição seja a Pedra Filosofal mencionada no primeiro livro da série; e a Varinha das Varinhas é aquela com quem Harry Potter derrota seu inimigo Voldemort.

O conto menciona que a Morte fabricou a Varinha das Varinhas com a madeira de um sabugueiro. Posteriormente a autora descreve a Varinha como tendo 38,1cm e núcleo de pelos do rabo de um Tetrálio, uma criatura mágica que só pode ser vista por aqueles que testemunharam a morte pelo menos uma vez e plenamente a aceitaram. Tanto a madeira de sabugueiro quanto o Tetrálio são considerados

presságios de infortúnio pelos bruxos. O tema da morte aparece de forma patente não somente no conto como também nos símbolos ligados à Varinha das Varinhas.

O primeiro Mestre da Varinha das Varinhas foi Antíoco Peverell que a recebeu da própria Morte. É dito no universo bruxo que aquele que a detiver juntamente a Capa da Invisibilidade e a Pedra da Ressurreição, será tido como o Senhor da Morte, pois os três objetos juntos são conhecidos como as Relíquias da Morte.

Os mitemas latentes são os que versam sobre o caráter e a moral dos bruxos. Mencionei anteriormente a existência do Ministério da Magia com leis para ditar os usos e regulações da magia e regular também o comportamento dos bruxos e bruxas. O não cumprimento das leis estabelecidas pela sociedade bruxa para o uso da magia pode acarretar em punições diversas, entre elas o encarceramento numa prisão mágica.

Estabelecer as correlações dos mitemas do Conto dos Três Irmãos com a sociedade bruxa tem importância para situar os pares de oposição de modo a estabelecer relações de contraste entre os mitemas. Ao explicar a análise lévi-straussiana do mito de Édipo, Barreira (2014) afirma que sua leitura apresenta um problema central da condição humana: a contradição aparentemente insolúvel na qual vive o homem, situado entre natureza e cultura, barbárie e civilização.

A estrutura do mito permite a decodificação de seu significado na ordem sincrônica e, portanto, paradigmática. Desse modo, o mito pode ser visto como um instrumento lógico que estabelece uma ponte, uma mediação entre polos opostos e irreconciliáveis. Reduzindo o mito a um utensílio lógico e baseado em operações binárias, Lévi-Strauss preocupa-se, antes de tudo, em saber como funciona o mito. (BARREIRA, 2014, p. 301.)

Lévi-Strauss (2012, p. 295) explica que “o estudo dos mitos nos leva a constatações contraditórias”. Os pares de oposição binárias explicitam tal contradição, assim, o mito submetido ao método estruturalista apresenta um modelo do que é representativo no homem. O antropólogo explicou que

Se o objetivo do mito é, de fato, fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição (tarefa irrealizável quando a contradição é real), um número teoricamente infinito de camadas será gerado, cada uma delas ligeiramente diferente da que a precede. O mito irá desenvolver-se como uma espiral, até que o impulso intelectual que lhe deu origem se esgote. (LÉVI-STRAUSS, 2012, p. 329-330).

Esta mesma correlação de natureza e cultura aparece no Conto dos Três Irmãos ao estabelecer que as virtudes do caráter humano devem prevalecer ainda que o bruxo seja capaz de utilizar a magia, além de explicitar que nem mesmo a magia é capaz de controlar ou sobrepujar a morte (ou a Morte).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decodificar os significados do mito O Conto dos Três Irmãos permitiu verificar como a criação de uma narrativa ficcional revela características pensadas para a sociedade bruxa do universo criado por J.K. Rowling, além de ajudar os neófitos da antropologia a compreender a aplicação de um dos métodos de estudo antropológico.

Quando Lévi-Strauss pensou o método estrutural para análise dos mitos, estabeleceu que era importante relacionar o mito a outros mitos ou comparar diferentes versões dos mitos, bem como entender o contexto social e cultural com o qual o mito se relaciona. Ao realizar tal análise com O Conto dos Três Irmãos, percebe-se que o tema central a se repetir nesse e em outros contos do universo bruxo é o da magia, que permeia toda a sociedade bruxa, suas leis e sua organização. Também percebemos que a morte é o tema central do conto analisado, ou melhor, a impossibilidade de escapar à morte por quaisquer meios existentes, mesmo soluções mágicas.

Dividir os mitemas em pares de oposição também nos permitiu entrar em contato com as diretrizes morais dos contos bruxos e da sociedade bruxa, que não ignora a natureza humana e bruxa de ser egoísta, controladora e orgulhosa, mas tenta direcionar seus cidadãos a alimentar comportamentos mais humildes, justos e resignados, seja pelos contos com lições morais, seja pelas leis estabelecidas pelo Ministério da Magia.

Aos neófitos da Antropologia não só estrutural, mas em todas as suas vertentes, este trabalho mostra que a aplicação da metodologia escolhida de maneira assertiva trará as conclusões cabíveis ao tema estudado. Não cabe a nós verificar se as crenças nativas são ou não reais. Provar se a magia nos termos estabelecidos por J. K. Rowling em seus livros de literatura não é papel do antropólogo, mas sim procurar

entender e explicar as categorias nativas da maneira como o grupo social estudado a vivencia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mauro W. B. de. Simetria e entropia: sobre a noção de estrutura de Lévi-Strauss. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 42, n. 1-2, p. 163-197, 1999. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011999000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 dez. 2018.

BARREIRA, José Oliver Faustino. Os limites da história entre mitos e estrutura. In: **Anais do Congresso Latino-Americano de Compreensão Leitora-Jaime Cerrón Palomino** (ISSN 2359-5558). 2014. p. 294-302.

HOCHSCHEID, Rosimeri Inês. **Relações transtextuais, Harry Potter e o “Conto dos três irmãos”, uma hipótese, uma investigação**. 2016. Monografia (Curso de Letras) - Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz do Sul, 2016. Disponível em <https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/1252/1/Rosimeri.pdf>. Acesso em: 16 set. 2022.

LEACH, Edmund. A estrutura do mito. In: LEACH, Edmund. **As idéias de Lévi-Strauss**. São Paulo: Cultrix, 1988.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 1. ed. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito y significado**. 1987. Disponível em: <https://www.derechopenalened.com/libros/mito-y-significado-levi-strauss.pdf> Acesso em 15 de set. 2022.

MENEZES, Grazielly Benvegnú. **O conto dos três irmãos: da magia à morfologia**. 2014. Monografia (Curso de Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/115680/000956494.pdf?sequence=1&locale-attribute=pt_BR . Acesso em: 12 dez. 2018.

SILVA. Clodoaldo Ferreira Fernandes da. **Imagens, mitemas e mitos em” A princesa e a costureira” e “Joana princesa”**: construções discursivas de identidades sexuais. Ano: 2018. 150 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/8384/5/Tese%20-%20Clodoaldo%20Ferreira%20Fernandes%20da%20Silva%20-%202018.pdf> . Acesso em: 12 dez. 2018.

SILVA, Maria Victória Ferreira; DE ARAUJO, Juliano José. Análise semiótica de “O Conto dos Três Irmãos”, de JK Rowling. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 20., Curitiba, 2017. **Anais Intercom 2017**. São Paulo: Intercom, 2017. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/regional/resumos/R54-0363-1.pdf> . Acesso em: 12 dez. 2018.

ZOPPAS, Isabel Christina; TODESCHINI, Caroline Roberta; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Harry Potter: magia, ciência, tecnologia articuladas na literatura para a produção de uma infância/adolescência ciborgue?. **Revista de Iniciação Científica da ULBRA**, n. 3, 2004. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/231313285.pdf> Acesso em: 13 jan. 2022.